

## MINHA RUA

Nós todos a chamávamos simplesmente de Rua Visconde, sem complementar o título, porém ninguém desconhecia que se tratava da pessoa do Visconde do Rio Branco. O que poucos conheciam era seu nome de batismo, José Maria da Silva Paranhos, baiano que viveu no século XIX, tendo ocupado vários cargos públicos, em um dos quais sancionou a Lei do Ventre Livre, sendo igualmente patrono da cadeira número 40 da Academia Brasileira de Letras. Também foi Grão-Mestre maçônico do Grande Oriente do Brasil. E pai de outro ilustre brasileiro, o Barão do Rio Branco. Hoje é nome de muitas ruas e avenidas, assim como de próspera cidade em Minas Gerais.

Pois foi na casa de número 123 da Rua Visconde do Rio Branco, em uma das mais belas cidades do interior de São Paulo, que nasci, há mais de oitenta anos, e passei muito feliz minha infância e juventude. Fecho os olhos e ainda vejo, sonhando acordado, minha rua daqueles ditosos tempos.

Era de terra batida e quando soprava vento forte, portas e janelas tinham que ser bem fechadas a fim de que a poeira não entrasse. Os carros que por ela trafegavam não corriam muito, pois não eram como os de hoje, potentes e rápidos. E por isso mesmo faziam pouca poeira. Mas assim mesmo era comum os moradores molharem, com mangueiras, as frentes de suas casas quando a estiagem era muito prolongada. As crianças, então, mais por deliciosa folgança do que por real necessidade, costumavam represar, nas sarjetas do meio fio, eventuais descargas de água já usada que corria para os bueiros e, munidos de cabo de vassoura com lata presa à ponta, espalhá-la na rua a fim de também ajudar a aplacar a poeira.

Contudo, se chovia formava-se um barreiro liso difícil de atravessar, com muitas poças no terreno encharcado. Recordo-me de que meu pai colocava algumas tábuas no leito da rua para que se pudesse passar de um lado a outro sem enlamear os sapatos. Mas nós, crianças, brincávamos de correr por elas, de uma calçada a outra, equilibrando-nos para não cair no barro.

Quando a rua foi asfaltada, melhoria saudada por todos os moradores, os problemas tiveram fim. Só ficou o campinho do final da rua, onde jogávamos futebol com bola de meia. Pena não tivesse eu levado adiante minha reconhecida habilidade de goleiro, ágil e sempre muito bem colocado... Contudo, a cidade foi crescendo também daqueles lados e nosso querido campinho, de tão gratas recordações, acabou dando lugar a uma via asfaltada.

Faz algum tempo que não retorno à minha terra natal. Na última vez em que lá estive, fui ver de novo minha rua tão querida e quase não a reconheci. Fico pensando se não haveria um jeito de preservar pelo menos algumas das raízes que dão forma e identidade aos lugares. Tenho consciência de que os mais jovens nem pensam nisso agora, mas com toda certeza haverão de pensar se e quando chegarem à terceira idade. Não sei como isso poderia ser feito. Entretanto, naquela mesma ocasião, indo à praça principal da cidade, encontrei quase todas as mesmas árvores, a mesma fonte luminosa, os mesmos bancos de jardim com as mesmas mensagens de propaganda. E, pasmem todos, o mesmo banco em que eu e minha esposa namorávamos, de mãos dadas, nos fins de semana. E onde roubei-lhe o primeiro respeitoso beijo na face. Aí então percebi que pelo menos essa raiz estava preservada. Ninguém viu, mas lutei para esconder as lágrimas que insistiam em me escorrer pela face...

**Darly Viganó**

**darly.vigano@gmail.com**